

LUCIANA STORTO
BRUNA FRANCHETTO
SUZI LIMA
(ORGANIZADORAS)

SINTAXE E SEMÂNTICA
DO VERBO EM LÍNGUAS
INDÍGENAS DO BRASIL

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil /
Luciana Storto, Bruna Franchetto, Suzi Lima (organizadoras). –
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2014.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-319-2

1. Brasil – Línguas indígenas 2. Línguas indígenas – Morfologia
3. Verbos – Semântica 4. Verbos – Sintaxe I. Storto, Luciana. II.
Franchetto, Bruna. III. Lima, Suzi.

14-04552

CDD-498

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Línguas indígenas : Linguística 498
2. Línguas indígenas : Brasil : Linguística 498

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

SETEMBRO/2014

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

A ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS DA LÍNGUA YUDJA (JURUNA): FORMAÇÃO DOS VERBOS E OS PROCESSOS DE ATRIBUIÇÃO E MUDANÇA DE VALÊNCIA¹

Suzi Lima

Introdução

Este artigo apresentará uma discussão acerca da estrutura argumental dos verbos da língua Yudja considerando a formação destes verbos, suas propriedades e restrições, assim como seu comportamento sintático. Um argumento basilar para a constituição deste trabalho é o fato que a formação dos verbos desencadeará outros processos sintáticos, uma vez que o comportamento sintático de um verbo é resultado das propriedades de sua estrutura argumental. Por esta razão, para a compreensão da sintaxe de uma língua é necessário compreender a estrutura argumental de seus verbos. Visto isso, objetivamos apresentar neste trabalho as classes verbais da língua Yudja a partir da perspectiva teórica de Hale e Keyser (1995, 2002).

-
1. Este trabalho é um dos resultados da pesquisa de mestrado intitulada A estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja): da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas realizada na Universidade de São Paulo sob orientação da professora Luciana Storto e com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) (http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-08072008-152745/publico/DISSERTACAO_SUZI_OLIVEIRA_DE_LIMA.pdf).

Dados

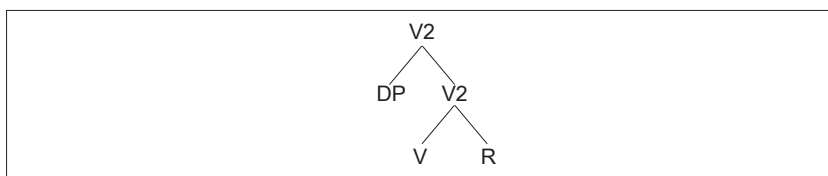
O trabalho é baseado na língua Yudja (autodenominação do grupo também conhecido por Juruna) a qual pertence à família Juruna, tronco Tupi. A língua é falada por 294 falantes da etnia homônima Yudja/ Juruna. Os Yudja moram no Parque indígena do Xingu (doravante PIX). Todos os dados sem identificação ao longo do texto são dados testados por mim, em trabalho de campo. Os dados serão apresentados na ortografia da língua proposta por Fargetti (2001).

Classes verbais da língua Yudja: formação de raízes

Para compreender a sintaxe sentencial de uma língua – isto é, a estruturação dos verbos e seus respectivos argumentos e núcleos funcionais – é necessário compreender as configurações sintáticas de seus itens lexicais. Com isto, estamos dizendo que não apenas as sentenças têm estrutura, mas também que um item que compõe as sentenças, como o verbo, também é formado de forma hierárquica e estrutural. As configurações sintáticas de um item lexical é o que se convencionou chamar na literatura de estrutura argumental (Hale e Keyser 2002, p. 1).

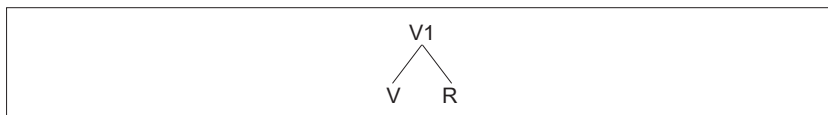
Para que seja formado um verbo, da perspectiva de Hale e Keyser (2002), é necessário que haja uma raiz (R) e um núcleo verbal (V). Tal como vemos a seguir:

Figura 1. Estrutura diádica



Hale e Keyser 2002.

Figura 2. Estrutura monádica



Hale e Keyser 2002.

Inicialmente pensemos sobre a raiz (representada por ‘R’ nas estruturas (1) e (2)). A raiz pode ser entendida como a parte do verbo que carrega traços semânticos e fonológicos, assim como as propriedades da categoria ‘verbo’. Tendo isso em vista, esta análise inclui uma divisão interna à raiz, qual seja base semântico-fonológica e verbalizador.

A base semântico-fonológica traz as informações referentes ao tipo de evento que será denotado pelo verbo formado a partir dela. Isto acarreta dizer que é a base semântico-fonológica que informa se o verbo denotará uma atividade, um estado, um *accomplishment*, um *achievement*,² por exemplo. Além disso, a base trará informações fonológicas desse verbo, como o padrão tonal e silábico. A base semântico-fonológica de um verbo pode ser acategorial ou categorizada – nominal, adjetival, posposicional, por exemplo.

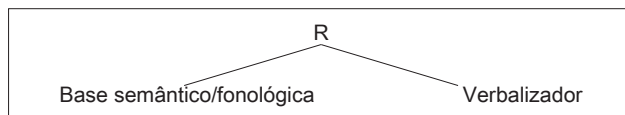
O verbalizador, por sua vez, é um morfema (fonologicamente realizado ou não) responsável por atribuir (ou mudar) a categoria ‘verbo’ à base semântico-fonológica. É fundamental dizer que os verbalizadores não atribuem ou mudam a valência dos verbos em Yudja. Para isto, há outros morfemas na língua que ocupam a posição de V1 ou V2 (vide estruturas (1) e (2)). Dessa forma, os morfemas verbalizadores estão associados, apenas, à atribuição de categoria ‘verbo’ enquanto que os núcleos verbais V1 e V2, como veremos mais a diante, estão associados à mudança e à atribuição de valência.

Para mostrar estruturalmente como seria a formação de uma raiz verbal, podemos ver o esquema a seguir:

2. O uso destes termos está pautado nas propostas de Arad (1996), Smith (1997), Tenny (1994), e Vendler (1967). Resumidamente, há cinco tipos de aspecto de situação, (os quais estão associados ao tipo de evento ou / estado denotado pelo verbo), apresentados, a seguir, com seus respectivos traços característicos (Smith 1997):

Tipo	Traço	Exemplo
Estativo	estático, durativo	saber a resposta; amar a Maria
atividade	dinâmico, durativo, atélico	rir
accomplishment	dinâmico, durativo, télico	construir a casa; aprender Grego
semelfactivo	dinâmico, instantâneo, atélico	bater na porta
achievement	dinâmico instantâneo, télico	ganhar a corrida, vencer a prova

Figura 3. Estrutura da raiz verbal (pré-atribuição de valência)



A partir da análise da relação entre a base semântico-fonológica e os verbalizadores, é possível identificar as seguintes classes verbais da língua Yudja:

Tabela 1. Verbos a partir de bases semântico-fonológicas acategoriais

Verbalizador	Exemplo
{-h-}	<i>Etahu</i> 'nadar', <i>Atxuhu</i> 'assar', <i>masehu</i> 'terminar'
{-k-}	<i>Djidaku</i> 'bater', <i>puduku</i> 'andar', <i>pīdīku</i> 'pescar'
{-d-}	<i>Apidu</i> 'quebrar', <i>apedu</i> 'depilar', <i>atxadu</i> 'roçar'
{-t-}	<i>Bīdītu</i> 'cair', <i>edītu/ yadītu</i> 'assustar'
{-n-}	<i>Hunu</i> 'torrar', <i>ikupenu</i> 'fechar'
Fonologicamente nulo	Verbos terminados com o fonema a: * <i>lapa</i> 'derramar', <i>awa</i> 'buscar' Verbos terminados com o fonema /i/: <i>lamumi</i> 'afundar', <i>lusi</i> 'rasgar' Verbos terminados com o fonema /i/: <i>upī</i> 'cavar', <i>wīwī</i> 'brincar' Verbos terminados com o fonema /e/: <i>iwae</i> 'casar', <i>bese</i> 'virar' Verbos terminados com o fonema /u/: <i>depu</i> 'empurrar', <i>'e'u</i> 'entrar'

* Vale reiterar que, em primeira análise, não hipotetizamos que estas vogais sejam morfemas verbalizadores, mas antes que sejam fonemas que compõem a base semântico-fonológica do verbo. Esta base semântico-fonológica, por sua vez, está associada a um verbalizador fonologicamente nulo.

Tabela 2. Verbos formados a partir de adjetivos

Verbalizador	Exemplo
<i>maku</i>	<i>Akīlu maku</i> 'esverdear' (<i>akīlu</i> 'verde')
Fonologicamente nulo	<i>ipi'i</i> 'magro/ emagrecer'

Tabela 3. Verbos formados a partir de nomes

Verbalizador	Exemplo
Processo de fusão entre verbalizador e objeto	<i>Amana ala</i> 'chover' (<i>amana</i> 'chuva'; <i>ala</i> 'cair')
Fonologicamente nulo	<i>Ese'ese</i> 'tosse/ tossir'
Processo de mudança tonal	<i>Karia</i> 'dança' (Tom: alto-baixo-baixo) <i>Karia</i> 'dançar' (Tom: alto-baixo-alto)
Processo de inserção do sufixo <i>-u</i>	<i>Aduria</i> 'velho', <i>aduriu</i> 'envelhecer'

Tabela 4. Verbos formados a partir de preposições

Verbalizador	Exemplo
Fonologicamente nulo	Dju wī (<i>dju</i> 'com'; <i>wī</i> 'vir')

Tabela 5. Verbos formados a partir de outros verbos

Verbalizador	Exemplo
Fonologicamente nulo	Akīrī txa (<i>akīrī</i> 'cortar'; <i>txa</i> 'ir')

Como podemos observar nos dados acima, a inserção de verbalizadores em Yudja é sufixal. Em contrapartida, os morfemas de valência são prefixais. Desta forma, a sequência de morfemas formadores de verbos na língua Yudja pode ser sintetizada da seguinte forma:

Tabela 6. Estrutura dos verbos na língua Yudja

Segmentação morfológica dos verbos					Forma verbal final
Intransitivo	Transitivo	Base semântico-fonológica	Verbalizador	Modo*	
L-	-a-	-pi-	-d-	-u	<i>Lapidu</i> 'quebrar' (intransitivo)
	A	-pi-	-d-	-u	<i>Apidu</i> 'quebrar' (transitivo)

* Fargetti (2001) descreve que a língua apresenta dois morfemas de modo, dos quais *-u* é o morfema de modo *realis* e *-a* é o morfema de modo *irrealis*.

Os morfemas verbalizadores são recorrentes em outras línguas. Observando os dados de outras línguas Tupi, vemos que Xipaya – língua irmã da língua Yudja descrita por Carmen Rodrigues (1995) – também apresenta verbalizadores; inclusive, há morfemas verbalizadores cognatos entre Yudja e Xipaya. Como exemplo, podemos tomar os morfemas *-k-* e *-h-*, os mais produtivos nas duas línguas. Vejamos alguns exemplos da língua Xipaya:

Tabela 7. Verbos em Xipaya com o morfema *-h-*

Verbo em português	Verbo em Xipaya	Morfemas		
		<i>Base semântico-fonológica</i>	<i>Verbalizador</i>	<i>Modo</i>
Aquecer	Kuhu	Ku-	-h-	-u
Conhecer/ Saber	Bahu	Ba-	-h-	-u

(Tabela desenvolvida a partir dos dados presentes no trabalho de C. Rodrigues 1995)

Tabela 8. verbos em Xipaya com o morfema *-k-*

Verbo em português	Verbo em Yudja	Morfemas		
		<i>Base semântico-fonológica</i>	<i>Verbalizador</i>	<i>Modo</i>
Bater	didaku	Dida-	-k-	-u
Queimar	Ma'maku	Ma'ma-	-k-	-u

(Tabela desenvolvida a partir dos dados presentes no trabalho de C. Rodrigues 1995)

Outras línguas do mundo, tais como Tohono O'odham (Papago), Miskitu e Navajo, também apresentam morfemas verbalizadores (Hale e Keyser 2002), tal como vemos a seguir:

Tabela 9. Inserção de morfemas verbalizadores em Tohono O'odham

Nome	Verbo intransitivo	Verbo transitivo (aplicativos)
<i>ki</i> : 'casa'	<i>ki:t</i> 'construir a casa'	<i>ki:cud</i> 'fazer casa para x'
<i>hoa</i> 'cesta'	<i>hoat</i> 'fazer a cesta'	<i>hoacud</i> 'fazer a cesta para x'
<i>si:l</i> 'sela'	<i>si:lt</i> 'fazer a sela'	<i>sil: cud</i> 'fazer a sela para x'
<i>juñ</i> 'cactus doce'	<i>junt</i> 'fazer cactus doce'	<i>juñcud</i> 'fazer cactus doce para x'

(Hale e Keyser 2002, pp. 133-134)

Tabela 10a. Inserção de morfemas verbalizadores em Miskitu e Navajo

• *Verbos que alternam*

Nome	Miskitu		Navajo	
	Intransitivo	Transitivo	Intransitivo	Transitivo
Ferver	Pyá-w-	Pia-k-	-béézh	-t-béézh
Quebrar	kri-w-	Kri-k-	ii-dlaad	ii-t-dlaad
Secar	Lâ-w-	Lâ-k-	-gan	-t-gan

(Hale e Keyser 2002, p. 111)

Tabela 10b. inserção de morfemas verbalizadores em Miskitu e Navajo

- *Verbos que não alternam*

Nome	Miskitu	Navajo
Chorar	In-	-cha
Tossir	Kuhb-	-d-l-kos
Gritar	Win-	d-l-ghosh

(Hale e Keyser 2002, p. 111)

Como podemos ver a partir da tradução dos dados acima, nas línguas Navajo e Miskitu, os morfemas verbalizadores estão associados a classes verbais definidas (inergativo [verbo intransitivo cujo único argumento, sujeito, é externo], inacusativo [verbo intransitivo cujo único argumento, sujeito, é um argumento interno], transitivo [verbo com um sujeito e um objeto]) e também à valência do verbo. Observando os verbalizadores da língua Yudja, é possível dizer que alguns estão associados a determinadas classes verbais (como o verbalizador *maku* que só ocorre com verbos deadjetivais). Contudo, nenhum deles está associado à atribuição ou mudança de valência verbal diretamente. Em Yudja, os processos de atribuição e mudança de valência são necessariamente realizados por prefixos e verbalizadores são sempre sufixais, como vimos anteriormente. Os prefixos de valência da língua Yudja são apresentados a seguir:

- *e e-/l-, transitivizador e intransitivizadores, respectivamente. Estes morfemas, tal como veremos adiante, podem co-ocorrer entre si indicando se o verbo formado é transitivo ou intransitivo (ou ainda se foi intransitivizado):*

Tabela 11. Morfemas transitivizadores e intransitivizadores

<i>e-ditu</i>	'assustar' (intransitivo)
<i>(i)a-ditu</i>	'assustar' (transitivo)
<i>l-a-pinu</i>	'pentear' (intransitivo)
<i>a-pinu</i>	'pentear' (transitivo)

- *ma- e ũ-, morfemas causativizadores;*

Tabela 12. O morfema *ma-*

<i>txuxi</i>	'queimar' (intransitivo)
<i>Ma-txuxi</i>	'fazer queimar' (causativo)

- *Mudança de ordem entre o verbalizador e a base semântico-fonológica (o que reitera o fato que os morfemas de valência sempre estão à esquerda da base semântico-fonológica do verbo³);*

Tabela 13. Mudança de ordem

<i>akīlu maku</i>	'esverdear' (intransitivo)
<i>maku akīlu</i>	'esverdear' (transitivo)

- *Supleção, ou seja, mudança completa da base fonológica da raiz verbal, com manutenção da base semântica, em dois contextos: 1) alternância de valência; 2) pluralidade de argumentos/eventos;*

Tabela 14. Supleção

<i>u'ī</i>	'torrar' (intransitivo)
<i>hunu</i>	'torrar' (transitivo)
<i>ala</i>	'cair' (forma não marcada para número)
<i>etu</i>	'cair'(plural)

- *Alternância labile, ou seja, uma mesma forma verbal é utilizada para intransitivos e transitivos (Piñón 2001);*

(1) *Ikupenu* 'fechar' (transitivo e intransitivo)

3. Nem todos os falantes reconhecem o movimento do verbalizador *maku* como uma forma de atribuir valência transitiva a verbos derivados de adjetivos formados com o verbalizador *maku*. Este é um ponto em aberto nesta análise para futura investigação.

Os exemplos apresentados exemplificam que o processo de categorização da raiz como verbo não acarreta atribuição de valência em Yudja. Os morfemas prefixais à base semântico-fonológica são os responsáveis pela atribuição de valência, e os verbalizadores, que são sufixais, não cumprem este papel. Há, no entanto, restrições impostas pelas bases semântico-fonológicas e pelos verbalizadores que determinarão quais morfemas de valência estarão associados a cada verbo – já que o processo de formação de raiz (base semântico-fonológica + verbalizador) é anterior ao processo de atribuição de valência. A tabela abaixo exemplifica este fato:

Tabela 15. Verbalizadores Yudja e as classes verbais

Tipo de formação verbal	Forma verbos transitivos?	Forma verbos inergativos?*	Forma verbos inacusativos?
1. Verbos formados com <i>-h-</i>	Sim	Sim	Sim
	Senahĩ kĩihu ubahu homem pescar saber "Homem sabe pescar"	Una tahu 1s correr "Eu corri"	Papera masehu papel acabar "O papel acabou" lidja papera masehu mulher papel acabar "A mulher acabou com o papel"
2. Verbos formados com <i>-k-</i>	Sim	Sim	Sim
	lidja e-huka i-paraku mulher 2s-vestido 3s-costurar "A mulher costurou seu vestido"	Ali lakariariku criança sorrir "A criança sorriu"	Iya i-txiaku Água 3s-esfriar "A água esfriou" Itxiaka iya i-ma-txiaku" frio água 3s-caus-esfriar "O frio fez a água esfriar"
3. Verbos formados com <i>-d-</i>	Sim	Não	Sim
	Una abĩa endu 1s música ouvir "Eu ouvi música"	-----	Pĩkaha l-a-pidu banco l-T-quebrar "O banco quebrou" João pĩkaha a-pidu João banco T-quebrar "João quebrou o banco"

4. Verbos formados com o morfema <i>-t-</i>	Sim	Sim	Sim
	Ali du-wā i-tūtū Criança 3s-dedo 3s-chupar “A criança chupou seu dedo”	Ali bīdītu Criança cair “A criança caiu”	U-kā apetu 1s-perna sangrar “Minha perna sangrou” U-kā akīriaha apetu 1s-perna corte sangrar “O corte sangrou minha perna”
5. Verbos formados com <i>-n-</i>	Sim	Sim	Sim
	I-hūnū na te 3s-torrar 1s 3s “Eu torrei isso”	Ali panā Criança descansar “A criança descansou”	Ikupenu akayawī Fechar porta “A porta fechou” Ikupenu na akayawī be fechar 1s porta dat “Eu fechei porta”
6. Formação de verbos deadjetivais a partir do verbalizador <i>maku</i>	Não	Não	Sim
	-----	-----	Ka’a upa yūpī maku árvore folha amarelo fazer “A folha da árvore amarelou” kuadī akupa ka’a upa maku yūpī sol quente árvore folha fazer amarelo “A quentura do sol amarelou folha da árvore”
7. Formação de verbos deadjetivais a partir de verbalizador fonologicamente nulo	Não	Não	Sim
	-----	-----	Abeata txuratu Roupa secou “A roupa secou” Kuwade abeata i-ma-txuratu sol roupa 3s-caus.secara “O sol secou a roupa”
8. Verbos a partir de nomes (Incorporação de objeto)	Não	Sim	Não
	-----	kaībi amana ala ontem chuva cair “Choveu ontem”	-----

9. Formação de verbos denominais a partir de verbalizador nulo	Não	Sim	Não
		ese'ese na tossir 1s "Eu tossi"	
10. Formação de verbos denominais a partir de mudança tonal	Não	Sim	Não
		Karia na dançar 1s "Eu dançei"	
11. Formação de verbos denominais a partir do sufixo {-u}	Não	Sim	Não
		Ali da kamenu criança pl conversar "As crianças conversaram"	
12. Verbos terminados em {-a}	Sim	Sim	Sim
	Una aimbata ita 1s rede comprar "Eu comprei rede"	lidja e'a Mulher morrer "A mulher morreu"	Iyja I-a-pa Água I-T-derramar "A água derramou" lidja iyja a-pa Mulher água T-derramar "A mulher derramou água"
13. Verbos terminados em {-i}	Sim	Sim	Sim
	João pitxa pi João peixe flechar "João flechou o peixe"	João itxibĩ kuperi João muito trabalhar "João trabalhou muitas vezes"	Piza I-a-mumi Canoa I-T-afundar "A canoa afundou" Amana piza a-mumi Chuva canoa T-afundar "A chuva afundou canoa"
14. Verbos terminados em {-e}	Sim	Sim	Não
	Udase na te Contar 1s 3s "Eu contei isto"	Piza bese Canoa virar "A canoa virou"	-----

15. Verbos terminados em {-u}	Sim João Pedro depu João Pedro empurrar “João empurrou Pedro”	Sim Ena e'u 2s voltar “Você voltou”	Sim lidja i-kūdāū mulher 3s-desmaiar “A mulher desmaiou” Kuađi iidja i-ma-kūdāū sol mulher 3s-caus-desmaiar “O sol fez a mulher desmaiar”
16. Verbos terminados em {-i}	Sim Epiā upi na buraco cavar 1s “Eu cavei buraco”	Sim Senahī wī Homem chegar “O homem chegou”	Sim lusiriri pitxa fritar peixe “O peixe fritou” lidja pitxa lūsiriri Mulher peixe fritar” “A mulher fritou o peixe”
17. Verbos formados a partir de adposições	Sim Ena i-djuwī yāhā puju uhu 2s 3s-trazer rel feijão cozinhar “O feijão que você trouxe cozinhou”	Não -----	Não -----
18. Verbos formados a partir de outros verbos	Sim Senahī axi nakiri txa Homem lenha buscar lenha “O homem buscou lenha”	Não -----	Não -----

* Os verbos desta coluna – inergativos – são causativizados, quando possível, por *-ū*; este morfema só está associado a verbos que não realizam alternância simples, logo, inergativos. Este fato será discutido posteriormente neste artigo.

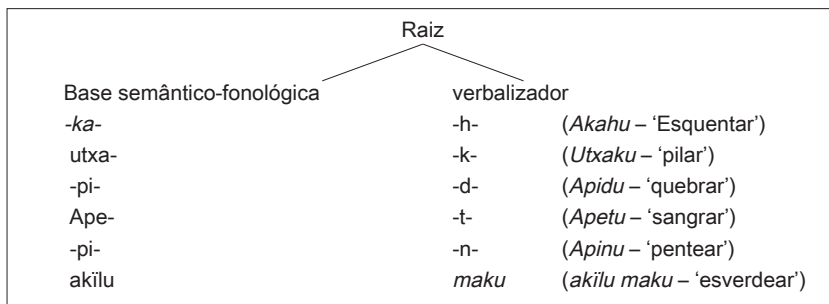
** Vale dizer que nenhuma sentença mostrada ao longo da análise apresentará artigos definidos (*o/a/os/as*) nas traduções, uma vez que Yudja não apresenta este tipo de determinante. Vale dizer que mesmo os dados de outros autores que apresentem traduções com artigos definidos em sua versão original serão apresentados sem estes artigos aqui.

*** O morfema *-ma* só causativiza inacusativos em Yudja, como discutiremos posteriormente.

Algumas padrões podem ser observados a partir da tabela acima. Primeiramente, verbos denominais, ou seja, cuja base semântico-fonológica é um nome, necessariamente serão inergativos, independentemente do tipo de verbalizador associado às bases (linhas: 8 a 11). Verbos deadjetivais por sua vez necessariamente serão verbos inacusativos, independente do morfema (ou processo) verbalizador (linhas: 6 e 7). Nota-se também que os verbos derivados de bases semântico-fonológicas acategoriais são menos restritivas e podem estar associadas a mais de um tipo de classe verbal, ou seja, transitivo, inergativo e inacusativo (linhas: 1 a 5 e 12 a 18). Em conclusão, a base semântico-fonológica impõe fortes restrições em relação ao tipo de valência a qual uma raiz verbal pode ser associada. Existem ainda os verbos derivados de adposições (17) ou de uma conjunção de verbos (18), mas o corpus com este tipo de verbo é muito restrito para fazermos qualquer generalização sobre o tipo de verbo que pode ser formado nestas categorias.

A partir do que observamos até o momento, argumentamos nesta análise que a função do verbalizador é somente inserir a categoria *verbo* na base semântico-fonológica acategorizada (como no verbo *ubahu*, ‘saber’) ou mudar a categoria de uma base semântico-fonológica que já esteja categorizada como *nome* ou *adjetivo*, atribuindo-lhe traços verbais (como no caso do verbo *kamenu* ‘conversar’, denominal, derivado do nome *kamena* ‘conversa’). Uma das funções do verbalizador inclui atribuir a uma base semântico-fonológica a propriedade de atribuição de Caso, por exemplo. Os verbalizadores são, portanto, núcleos funcionais. Para exemplificar o processo estrutural de formação da raiz verbal, isto é, a junção de uma base semântico-fonológica a um verbalizador, considere a estrutura (4) abaixo:

Figura 4. Decomposição da raiz verbal



Nos exemplos acima, a base semântico-fonológica traz informações sobre o evento denotado e os verbalizadores (fonologicamente realizados ou não) atribuem categoria verbal às bases que podem ser acategoriais ou categorizadas. Para que a raiz seja formada, portanto, há o processo de *conflation*⁴ entre a base semântico-fonológica e o verbalizador, que resulta na raiz do verbo que receberá informações de valência nos próximos passos da derivação. Uma vez que a raiz é formada, ela é inserida no processo de atribuição de valência ao verbo, processo este que parte de dois núcleos V2 (para verbos inacusativos) e V1 (para verbos inergativos e transitivos), os quais discutiremos a seguir.

Os núcleos verbais V1 e V2: atribuição e mudança de valência

A fim de discutir a formação e restrições sintáticas dos verbos através das línguas, Hale e Keyser (2002) procuram mostrar que os verbos são formados pelo processo de *conflation* entre um núcleo verbal (V1 ou V2), que pode ser fonologicamente realizado ou não, e uma raiz (R). A raiz, como vimos na seção anterior, é dividida entre base semântico-fonológica e verbalizador. Nesta seção vamos discutir os núcleos verbais, os quais vão restringir o tipo de alternância, simples ou complexa, que um verbo pode realizar muito embora da perspectiva de Hale e Keyser (2002) estes dois tipos de alternância podem ser representadas da mesma forma. As alternâncias simples e a complexa tem as seguintes definições:

- *Alternância transitivo-incoativa (ou alternância simples) (Hale e Keyser 2002): processo segundo o qual um verbo intransitivo passa a transitivo. Exemplo: 'O vaso quebrou (incoativa)'/ 'João quebrou o vaso' (transitivo)).*

4. Conflation é um processo proposto por Hale e Keyser (2002), baseados no processo de incorporação de Baker (1988). Ele pode ser resumido em um processo de fusão entre dois núcleos funcionais ou entre um núcleo e seu complemento. Este conceito será utilizado tanto para o processo de formação de raízes como no processo de atribuição de valência. Para uma definição literal de Hale e Keyser, retomamos a seguinte passagem: “the process according to which the phonological matrix of the head of a complement C is introduced into the empty phonological matrix of the head that selects (and is accordingly sister to) C” (2002, p. 13).

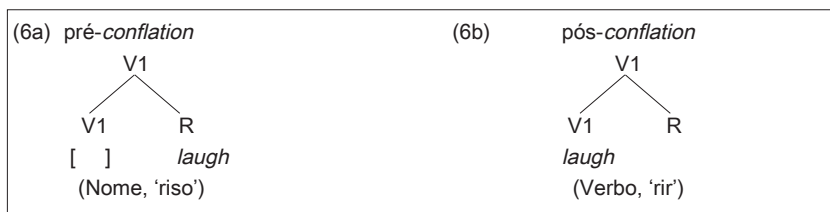
- *Causativização (ou alternância complexa) (Hale e Keyser (2002; 108); Levin e Rappaport-Hovav (1995; 293), Harley (1996))*: processo segundo o qual um verbo intransitivo passa a transitivo através da inserção de um causee (argumento causador, ou agente). Exemplo: 'O vaso quebrou'/ João fez o vaso quebrar'.

As alternâncias de valência são determinadas pelo complexo [raiz (R) + núcleo verbal]. Vejamos as estruturas propostas pelos por Hale and Keyser (2002):

Figura 5. Estrutura diádica⁵



Figura 6. Estrutura monádica



A proposta de Hale e Keyser mostra que os núcleos verbais V1 e V2 estão associados à valência do verbo. Os autores (Hale e Keyser 2002, p. 115) procuram discutir o processo da alternância relacionando-o ao fato de a raiz verbal ser ou não predicativa, ou seja, se a raiz verbal exige ou não a projeção de um argumento interno. Dessa forma, os verbos que participam da alternância simples são aqueles que são compostos por raízes que não são nominais (como adposições ou adjetivos) ou que não fornecem evidências de serem nominais. A partir disso, Hale e Keyser propõem que “o comportamento de um dado verbo em relação à

5. A ordem da sentença na estrutura superficial não é relevante para o processo de estruturação destas projeções básicas do verbo (Hale e Keyser 2002, p. 148).

transitivização simples é determinado pelas propriedades dos elementos de que ele é composto” (Hale e Keyser 2002; 148 – tradução nossa). Isto é, o fato das raízes serem predicativas ou não determinará se haverá um argumento interno na estrutura (como em (5)). Vale retomar que entendemos por argumento (ou especificador) interno, neste nível da derivação, o especificador projetado por V2 em estruturas inacusativas (nas estruturas em (6) *sky* é o especificador interno).

No que compete aos verbos que alternam, o argumento ‘tema’ é constante na alternância e presente nas duas partes (incoativa e transitiva). Este fato sugere que o sujeito (na estrutura superficial) destes verbos – quando intransitivos – é gerado como complemento na estrutura profunda (DS). Ou seja, o sujeito das sentenças inacusativas é interno à estrutura lexical. No caso do exemplo (5), *sky* ‘céu’ é gerado como especificador interno do verbo; ele pode ser usado como sujeito em *the sky cleared* ‘o céu clareou’ ou como objeto como em *the sun cleared the sky* ‘o sol clareou o céu’. Em ambos os casos, *sky* é gerado na posição de especificador interno; *sun*, por outro lado, é gerado como especificador externo, na sintaxe sentencial.

Os verbos que não alternam (inergativos) e verbos transitivos simples têm estrutura monádica⁶ (vide 6). Essas categorias verbais só terão especificador externo, o qual não faz parte da estrutura lexical desse verbo e que será gerado apenas na sintaxe sentencial devido a exigências de Caso e concordância, pós-formação do verbo. Logo, verbos com estrutura monádica não participam da alternância transitiva simples porque falta a eles um argumento interno que possa ser tanto o sujeito das inacusativas como o objeto das transitivas. De qualquer forma, o especificador externo do verbo só é projetado na sintaxe dado o princípio de acordo com o qual o verbo não projeta um especificador, mas tão somente seu complemento (na posição de especificador interno) em virtude de suas propriedades lexicais (Hale e Keyser 2002, p. 129).

Portanto, na proposta de Hale e Keyser, como vimos, o que distingue um verbo que alterna de um que não alterna é justamente a estrutura na qual um verbo será inserido – monádica ou diádica – associada ao fato que o tipo de estrutura será delimitado pela natureza

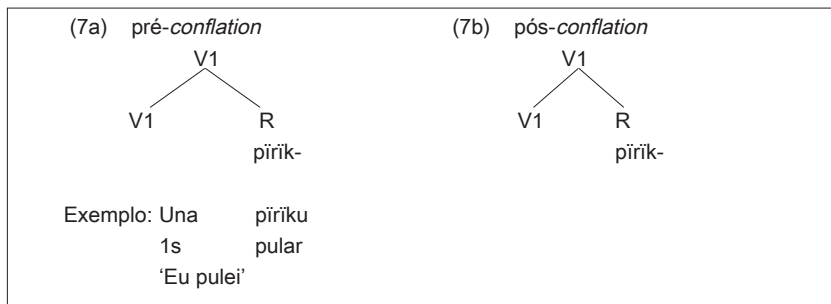
6. É importante ressaltar que verbos transitivos também têm estrutura monádica, tal como os inergativos. Este fato é argumentado por Hale e Keyser e retomado por Chomsky (1995; 315-316) o qual afirma que “verbos intransitivos (inergativos) são transitivos escondidos”.

da raiz verbal. Para Hale e Keyser (2002) verbos derivados de raízes predicativas – adjetivais ou verbais ‘puras’⁷ – aceitam alternância em oposição aos verbos derivados de raízes nominais. Desta perspectiva, se um verbo tem uma raiz verbal ‘pura’, depreendemos suas propriedades do comportamento do verbo na sintaxe. Por exemplo, se em uma determinada língua um verbo derivado de uma raiz acategorial realiza alternância simples, então ele tem mais propriedades de verbos deadjetivais do que de verbos denominais. Feita a apresentação da proposta teórica, iniciaremos a análise dos verbos da língua Yudja a partir da teoria de Hale e Keyser.

A formação dos verbos inergativos, inacusativos e transitivos

Inicialmente discutiremos os verbos que não realizam alternância. A maioria dos verbos inergativos da língua Yudja têm derivação zero. Isto significa dizer que V1 é fonologicamente não realizado. O fato de verbos inergativos serem projetados a partir de V1 decorre de traços dessas raízes. Verbos inergativos podem derivar de nomes (tais como *ese’ese* ‘tosse/tossir’) e é fato que os nomes, como vimos anteriormente, não têm propriedade predicativa. Isto ocorre porque os nomes denotam tipicamente entidades e elas correspondem a argumentos, não a predicados, em configurações sintáticas. Isto equivale dizer que eles não requerem um argumento sobre o qual incidem. Dessa forma, estes verbos são formados com estrutura monádica, sem a projeção de um especificador interno, tal como vemos a seguir (a partir do verbo ‘pular’, *piriku*):

Figura 7. Verbo inergativo

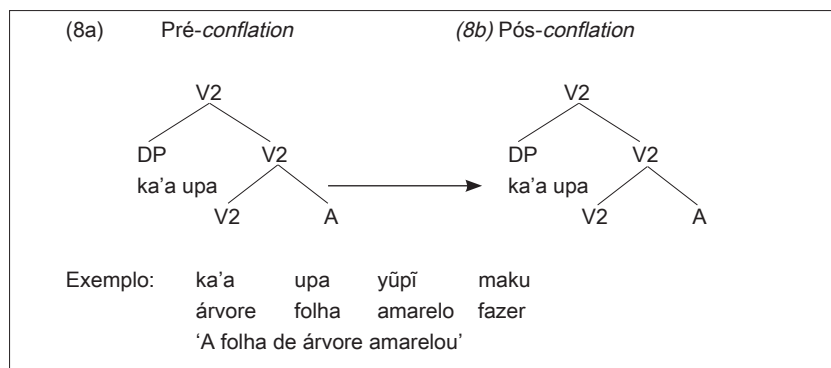


7. Uma raiz verbal ‘pura’ é um verbo que não deriva de nomes, adjetivos ou preposições.

Há evidências através das línguas – tal como mostra Hale e Keyser (2002) a partir dos exemplos das línguas Navajo, Miskitu, Basco e Inglês – de que verbos que apresentam propriedades da categoria nome estão na classe dos inergativos, pois não aceitam alternâncias simples ('Eu suei'; * 'A mulher me suou') – e o mesmo pode ser observado em Yudja e português. Uma outra propriedade comum à maioria dos verbos denominais em Yudja é terem derivação zero, isto é, serem idênticos aos nomes, mesmo após a atribuição de valência. Finalmente, os verbos com estrutura monádica (inergativos) e diádica (inacusativos) têm morfemas de alternância complexa (causativização) distintos: o morfema {ũ-}, por exemplo, está associado a verbos que não realizam alternância simples, enquanto que o morfema {ma-} está associado a verbos que realizam alternância simples (confira Fargetti 2001, pp. 186-198, a qual fez a primeira descrição desses morfemas nesta língua).

Diferente dos verbos derivados de nomes ou que se comportam como verbos derivados de nomes são os verbos deadjetivais. Os adjetivos têm a propriedade de poderem ser atribuídos a entidades; eles são predicados ou modificadores e exigem uma entidade para satisfazer essa propriedade. Dessa perspectiva, portanto, os adjetivos devem aparecer em uma estrutura argumental na qual um DP é projetado, definindo uma relação de sujeito-predicado (vide estrutura (8)), enquanto que os nomes não realizam esse tipo de exigência quando nucleiam a raiz de uma projeção que formará um verbo (vide estrutura (7) acima):

Figura 8. Formação do verbo *yũpĩ maku* (amarelar)



Apesar de a maioria dos verbos que têm raiz adjetival permitir alternância, nem todos os verbos que alternam têm raiz adjetival. Isto

pode ser observado em Yudja, a partir dos verbos sobre os quais não temos evidência da natureza da raiz, tais como: *uhu/wĩyũ* ‘cozinhar’, *apiku/ lapiku* ‘quebrar’, *ikupenu* ‘fechar’, que podem ser casos de raízes verbais ‘puras’.

As raízes que são ‘puramente’ verbais (ou seja, que são acategoriais) são variáveis: algumas delas exigem, outras não, a projeção do sujeito interno (Hale e Keyser 2002, p. 157). Na língua O’odham (Hale e Keyser 2002, p. 132), por exemplo, nem todos os verbos que alternam (*hu:m/ hu:mid* ‘esvaziar’, *ha:g/ ha:gid* ‘derreter’, *mehe/ mehid* ‘queimar’ etc.) têm raiz adjetival comprovada, muito embora se comportem como verbos deadjetivais. Devido a esse fato, é possível hipotetizar que esses verbos que não são deadjetivais têm a mesma estrutura argumental dos deadjetivais. Em Yudja, por exemplo, a estrutura argumental do verbo pode ser definida a partir de alguns elementos que salientam o comportamento sintático do verbo, como por exemplo se um determinado verbo realiza alternância simples e qual morfema causativizador está associado à raiz, tal como discutimos anteriormente. Portanto, tal como apontam Hale e Keyser (2002; 138) é o comportamento do verbo e não apenas sua base semântico-fonológica (acategorial/pura, nominal, adjetival ou adposicional) que nos dá evidências para discutir sua estrutura argumental.

Os verbos inacusativos em Yudja – sejam os deadjetivais sejam os de raiz acategorial – apresentam o mesmo comportamento sintático, tal como causativizar-se com o morfema *ma-* e serem passíveis de realizar alternância transitiva simples. No grupo dos verbos inacusativos, há dois comportamentos morfológicos possíveis:

Tipo 1: verbos inacusativos cuja alternância depende de morfemas transitivizadores e intransitivizadores

- (2) a. Intransitiva
Axi I-a-mihu
fogo I-T-apagar
“O fogo apagou”
- b. Transitiva
Amana axi a-mihu
chuva fogo T-apagar
“A chuva fez o fogo apagar”

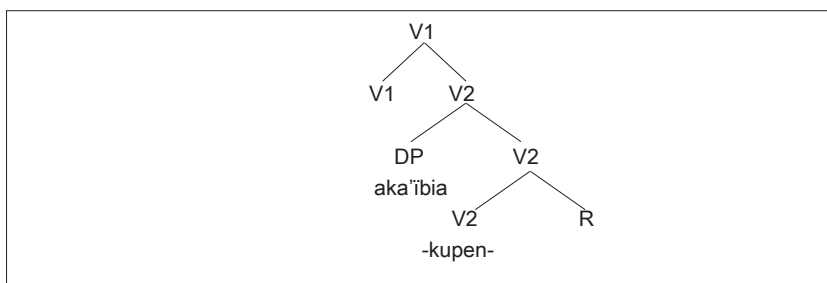
Este primeiro tipo de formação de inacusativos salienta uma importante característica sobre a formação verbal da língua Yudja: a derivação de verbos que modificam valência é sempre do transitivo para o intransitivo, mas nunca o inverso, o que é diferente do que é proposto por Hale and Keyser (2002). Um outro comportamento comum aos verbos inacusativos segue abaixo:

Tipo 2: verbo inacusativo com morfemas de derivação zero (alternância labile)

- (3) a. Intransitiva
 Ikupenu⁸ akayawi
 fechar porta
 “A porta fechou”
- b. Transitiva
 Ikupenu na akayawi be
 fechar 1s porta dat
 “Eu fechei a porta”

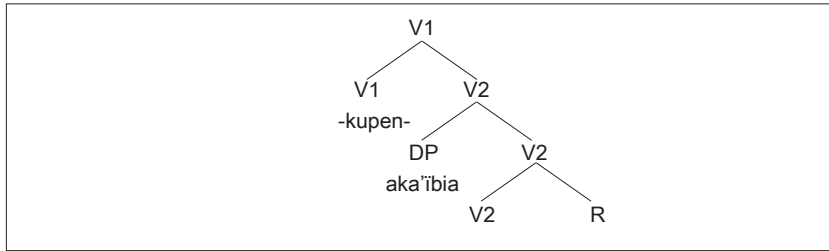
Estruturalmente, os verbos de adjetivais (ou verbos que se comportam como de adjetivais porque permitem alternância simples) dos tipos 1 e 2 apresentados acima vão ter a configuração estrutural apresentada em (9) baseada nos exemplos em (3):

Figura 9a. Pós-*conflation* (intransitiva)



8. É possível que o verbo per se seja, apenas, -kupenu, já que i- é um prefixo verbal de concordância acusativa de terceira pessoa em Yudja. A língua Yudja apresenta concordância acusativa prefixada no verbo (padrão inicialmente descrito por Fargetti 2001). Neste artigo não trataremos da projeção destes morfemas na sintaxe, mas discutimos esta questão em Lima (2008), (2008a) que podem ser trabalhos consultados para maiores esclarecimentos sobre o tema.

Figura 9b. Pós-conflation (transitiva)



Essas estruturas mostram que a forma intransitiva de um verbo inacusativo como *ikupenu* ‘fechar’, vai ser estruturada como (9a) onde o DP interno vai funcionar como o sujeito da sentença. A forma transitiva é estruturada como em (9b) onde o DP interno vai funcionar como o objetivo na sintaxe. Vale notar que, em qualquer um dos casos, o morfema de modo só é inserido em TP, não durante a formação do verbo.

Temos, ainda, a supleção verbal que tem duas funções na língua: alternância transitivo-incoativa e indicar pluralidade de eventos ou argumentos. Em verbos transitivos e inergativos, a supleção indica pluralidade de eventos ou argumentos (como em *tahu/wāna* ‘correr’ e *kua/upiku* ‘dar’), por exemplo). Quando a supleção está associada à alternância de valência, ela ocorre em verbos inacusativos, tal como vemos nos casos a seguir:

(4) puju uhu
 feijão cozinhar
 “O feijão cozinhou”

(5) lidja puju wīyū
 mulher feijão cozinhar
 “A mulher cozinhou feijão”

Para explicar a supleção verbal através da teoria de Hale e Keyser para os casos de alternância transitiva-intransitiva, propomos que os verbos supletivos vão ter a mesma estrutura argumental dos verbos inacusativos. Adicionamos porém que vai existir uma regra morfológica que insere uma nova forma fonológica no núcleo composto, quando a raiz passa de intransitiva para transitiva. Esta regra está associada apenas às raízes verbais que tenham traços que determinam que o verbo realiza supleção ao invés de mudança de valência por prefixação

ou através de morfemas não realizados fonologicamente. Partindo dos exemplos expostos em (4-5), podemos propor as estruturas a seguir:

Figura 10a. *Pré-conflation*

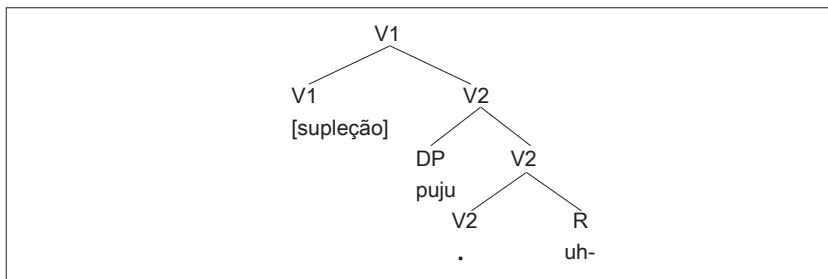


Figura 10b. *Pós-conflation (Intransitiva)*

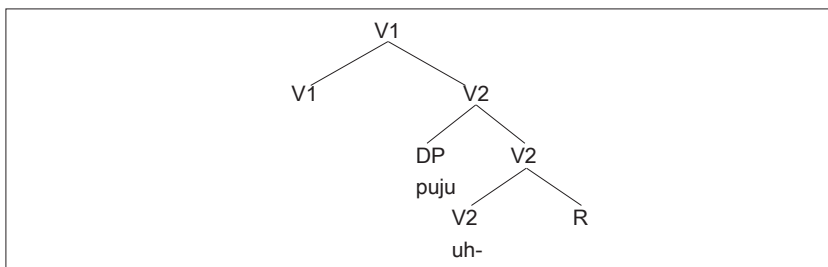
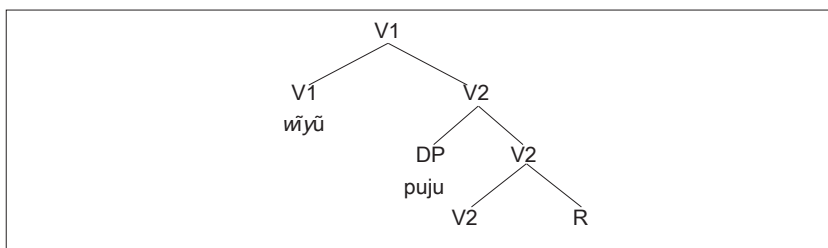


Figura 10c. *Pós-conflation (transitiva)*



Até o momento, descrevemos nesta seção a formação de verbos inergativos e verbos inacusativos. Um terceiro tipo de verbo são os verbos transitivos que em Yudja podem ter um morfema transitivizador fonologicamente realizado (com o prefixo de valência *a*-⁹) ou fonologicamente nulo:

9. Há a possibilidade de existir um outro morfema transitivizador, qual seja *u-* (*udjaku* 'estourar', *upiku* 'dar' etc.), dada a frequência de verbos transitivos que ocorrem com este morfema, mas esta hipótese ainda está em estudo.

- (6) a. Verbos transitivos (prefixo de valência transitiva: *a-*)
Akuhu esquentar
Apinu pentear
Akiri quebrar (por dentro)
Asaku descascar
- b. Verbos transitivos (prefixo de valência transitiva fonologicamente nulo):
Pididiku pegar peixe
Kuwataku quebrar (objeto)
Txuxitxuxi queimar
Masehu acabar

Finalmente, há os verbos transitivos simples. Os verbos transitivos, assim como os inacusativos, podem ter um morfema transitivizador fonologicamente realizado (tipo 1) ou fonologicamente nulo:

Tipo 1: Verbo transitivo com morfema transitivizador *a-*

- (7a) João *ba'i* *a-baku*
 João *paca* T-matar
 “João matou a paca”

Tipo 2: Verbo transitivo com morfema de valência fonologicamente nulo

- (7b) Ena *ba'i* *ixu*
 2s *paca* comer
 “Você comeu paca”

Na perspectiva de Hale and Keyser (2002), verbos transitivos tem uma estrutura monádica, tal como os verbos inergativos:

Figura 11. Verbos transitivos com estrutura monádica (a partir do exemplo 7a)

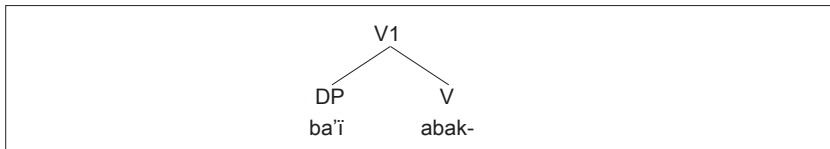
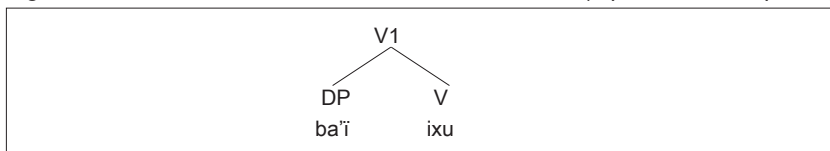
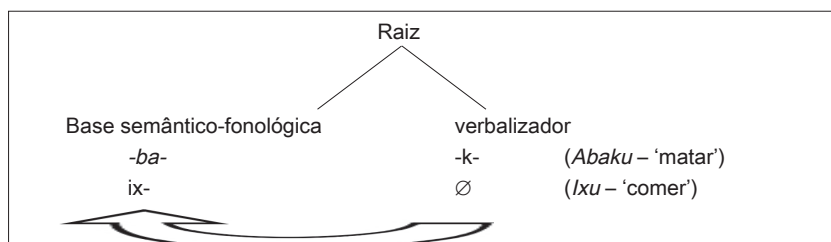


Figura 12. Verbos transitivos com estrutura monádica (a partir do exemplo 7b)



Nas estruturas acima, *abak-* e *ixu* passaram por dois diferentes processos de *conflation*. Considere primeiramente o verbo *abaku* ‘matar’. O verbo *abaku* pertence a classe dos verbos cuja à base semântico-fonológica é afixado o morfema verbalizador *-k-*. No caso do verbo *ixu* ‘comer’, o morfema verbalizador é fonologicamente nulo. Este processo de formação de raiz verbal apresentado na seção 1 é apresentado no diagrama abaixo, para estes dois verbos em questão (lembrando que o morfema de modo *realis* *-u* só é inserido na sintaxe):

Figura 13. Decomposição da raiz verbal dos verbos *abaku* ‘matar’ e *ixu* ‘comer’



Após a formação da raiz, assim como vimos para os verbos das categorias inergativa e inacusativa, há a atribuição de valência. Quando as raízes *ix-* e *-bak-* movem para o núcleo verbal V1, elas recebem o morfema de valência transitivizador *a-* ou ∅ (morfema fonologicamente nulo). Vale notar que a base semântico-fonológica traz consigo uma série de informações (traços) semânticas e fonológicas do verbo a ser formado e assim essas propriedades vão restringir se esta base, uma vez que se torne um verbo, vai requerer um morfema associado apenas a verbos transitivos, ou um morfema associado a verbos inacusativos ou inergativos. Em outras palavras, os traços da base semântico-fonológica associado aos morfemas verbalizadores determinarão as propriedades de valência do verbo (se ele será inergativo, inacusativo ou transitivo). Desta forma, no momento da projeção monádica de um verbo inergativo ou transitivo simples (os quais tem a mesma estrutura), as propriedades da raiz do verbo vão determinar se aquela raiz se trata de um verbo transitivo que exige um complemento e que requer um morfema transitivizador (que pode ser fonologicamente realizado ou não) ou se o verbo se trata de um verbo inergativo que não requer um complemento. Em todos os casos apresentados – inergativos, inacusativos e transitivos – o sujeito é inserido posteriormente, na sintaxe. Neste sentido, ele não é um argumento gerado na estrutura argumental do verbo.

Formação de transitivos complexos (causativizações)

Vimos acima a formação dos verbos transitivos, inergativos e dos verbos inacusativos, estes últimos sendo os verbos que realizam alternância transitivo-incoativa. Vimos anteriormente que a língua Yudja apresenta três comportamentos possíveis em relação aos processos de alternância transitivo-incoativa: a supleção (*uhu* incoativo/ *wĩyũ* transitivo ‘cozinhar’), a afixação (*ludjakui* ncoativo/ *udjaku* transitivo ‘estourar’) e, finalmente, a alternância *labile* (*ikupenu* ‘fechar’). No que compete à alternância complexa (causativização) de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos), temos apenas o processo de afixação de dois morfemas distintos que estão em distribuição complementar (*ũ-* e *ma-*). No caso das causativizações de verbos transitivos, há o verbo auxiliar *ada* (“mandar”), que ocupa a posição de causativizador (Fargetti (2001; 186)):

- (8) a. Tahu apĩ
correr cachorro
“O cachorro correu” (Fargetti 2001, p. 186)
- b. Una apĩ y=ũ-tahu anu
1s cachorro 3s=caus.-correr asp
“Eu fiz o cachorro correr” (Fargetti 2001, p. 186)
- (9) a. Anĩ iyu
3s dormir
“Ele dormiu” (Fargetti 2001, p. 190)
- b. Sewaki i=ma=iyu he anu
Sewaki 3s=caus.=dormir 3s asp
“Sewaki o fez dormir (Sewaki o dormiu)” (Fargetti 2001, p. 190)
- (10) lidja ali ada iyakuha awi
mulher criança mandar mingau beber
“A mulher fez/mandou menino beber mingau”. (Fargetti 2001, p. 193)

É válido ressaltar que a existência de dois causativizadores divide classes verbais na língua Yudja, algo que também ocorre em outras línguas Tupi, tal como verificou Seki (2000) na língua Kamaiurá (família Tupi-Guarani, tronco Tupi).

A análise de Fargetti (2001) para os dois causativizadores da língua Yudja é dizer que “*ũ-* ocorre com verbos que parecem indicar

uma maior agentividade do “causado” (*causee*, em inglês); {*ma-*} com verbos de uma maior agentividade do “causador” (*causer*, em inglês)”. Nosso objetivo na presente análise, para além das classes que estes verbos dividem na língua Yudja, é hipotetizar qual estrutura contempla os três tipos de causativização.

Iniciaremos apresentando as principais características das sentenças causativas. Há, produtivamente, a marcação de concordância de objeto, tanto em causativas realizadas com o morfema *ũ-* como em causativas com o morfema *ma-*. Estes morfemas de concordância marcam o argumento interno, isto é, o objeto da causativa e estão prefixados nos morfemas de causativização. Por outro lado, frente aos dados observados até o momento, estes morfemas de concordância não ocorrem em causativas com verbos transitivos. Vejamos a seguir dois verbos intransitivos causativizados para cada morfema causativizador:

- *Verbo inacusativo causativizado*

(11) a. Abeata txuratxu
roupa secar
“A roupa secou”

b. Kuwade abeata i-ma-txuratxu
sol roupa 3-caus.-secar
“O sol fez a roupa secar”

(12) a. lidja ũlâmi
mulher emagrecer
“A mulher emagreceu”

b. Kanea’ua iidja i-malâmi
doença mulher 3s-caus.-emagrecer
“A doença emagreceu a mulher”

- *Verbo inergativo causativizado*

(13) a. Piza txuruku
canoa virar completamente
“A canoa virou completamente”

b. Amana piza i-ũ-txuruku
chuva canoa 3s-caus.-virar completamente
“A chuva fez a canoa virar completamente”

- (14) a. lidja bikaru
mulher emagrecer
“A mulher emagreceu”
- b. Kanea'ua lidja i-ũ-bikaru
doença mulher 3s-caus.-emagrecer
“A doença emagreceu a mulher”

Vimos na seção anterior que as alternâncias do tipo simples em Yudja são projetadas via inserção de núcleos verbais (V1 e V2). Hipotetizaremos que as alternâncias complexas também são formadas através da inserção destes núcleos. Uma forte evidência para esta hipótese decorre do fato de os morfemas de alternância complexa serem prefixados diretamente na raiz verbal e se tornarem agramaticais quando co-ocorrem com morfemas de alternância simples, tal como vemos com o verbo “perder/sumir”:

Tabela 16. Morfemas de alternância

Verbo	Intransitivizador	Transitivizador	Raiz	Causativização
Perder/ sumir (lahua – intransitivo) (ahua – transitivo)	l-	-a-	-hua	l-ma-hua *Ima-lahua *Ima-ahua

Além dos processos de causativização de verbos intransitivos, há também o processo de causativização de verbos transitivos. Note que, neste caso, o causativizador (*ada*) não está prefixado ao verbo propriamente dito, mas aparece diante do objeto da sentença transitiva original, tal como vemos a seguir:

- (15) a. ali [ba'ĩ uatxukaha]
criança [paca perseguir]
“O menino perseguiu a paca”
- b. Pedro ali ada [ba'ĩ uatxukaha]
Pedro criança caus. [objeto verbo]
“Pedro fez o menino perseguir a paca”
(literalmente: “Pedro mandou o menino perseguir a paca”)

A partir de fatos como em (15b), há evidências para se dizer que o objeto da sentença transitiva foi incorporado ao verbo e, portanto, o

causativizador ocorre prefixado ao composto resultado da incorporação (objeto + verbo). Esta incorporação, inclusive, é explicada por exigências semânticas dos núcleos verbais. O núcleo *ada* exige, apenas, um objeto que ocupará a posição de DP de V2. O objeto da sentença transitiva original, contudo, não é um “competidor” deste outro objeto porque ele já foi incorporado pelo verbo (no exemplo *ba’i* (“paca”) foi incorporado por *uatxukaha*, “perseguir”) e, logo, o verbo passa a ter comportamento sintático de um verbo intransitivo. Em síntese, é possível equiparar o processo de causativização em verbos intransitivos à causativização dos verbos transitivos. Em outras palavras, a mesma estrutura pode ser usada para explicar os três tipos de causativização (alternância complexa) e também os casos de alternância simples, tal como vemos abaixo, a começar com os verbos intransitivos inacusativo (16) e inergativo (17):

- (16) Kanea’ua iidja i-ma-lāmi
 Doença mulher 3s-caus.-emagrecer
 “A doença fez a mulher emagrecer”

Estruturas:

Figura 14a. Pré-conflation

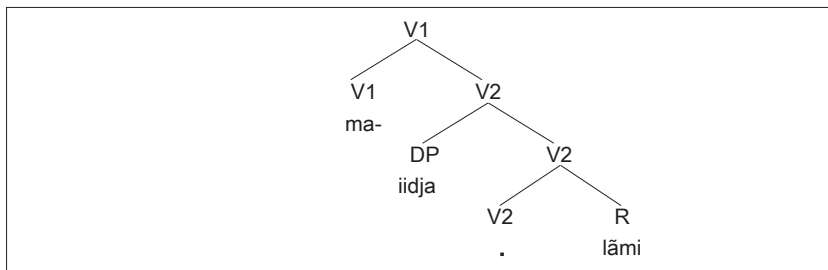
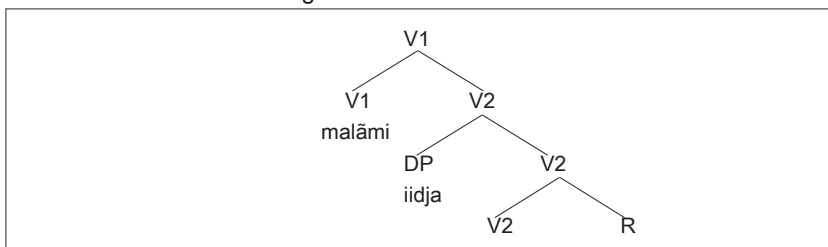


Figura 14b. Pós-conflation



- (17) Kanea'ua iidja i- ũ -bikaru
doença mulher 3s-caus.-emagrecer
“A doença fez a mulher emagrecer”

Figura 15. Pré-conflation:

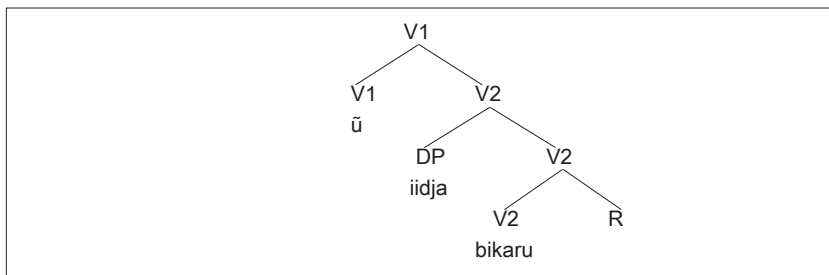
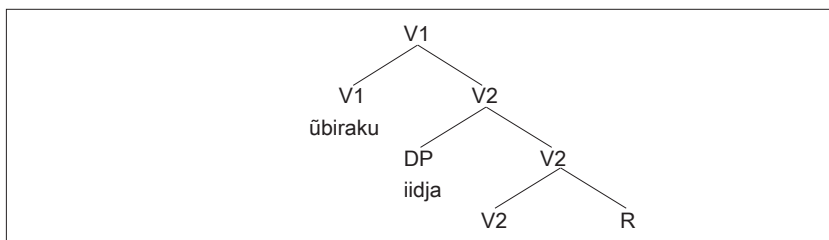


Figura15b. Pós-conflation



Deixamos as estruturas causativas transitivas para serem apresentadas por último pela necessidade de se explicar em detalhe a projeção do objeto do verbo causativizado. Apesar de serem sintaticamente idênticas, as causativizações intransitivas e transitivas têm a diferença de que o causativizador daquelas, conforme vimos, e um morfema prefixados e o desta um verbo leve preposto ao verbo básico e seu respectivo objeto. O que ocorre, nestes casos de incorporação, é a projeção inicial de um verbo transitivo que sofreu incorporação, seguida da projeção do verbo causativizado que toma como raiz (R) o resultado da projeção do verbo transitivo (V1), tal como vemos a seguir:

- (18) Pedro ali ada [ba'ĩ uatxukaha]
Pedro criança caus. [objeto verbo]
“Pedro fez o menino perseguir a paca”
(literalmente: “Pedro mandou o menino perseguir a paca”)

Estrutura:

Figura 16a. *Pré-conflation*

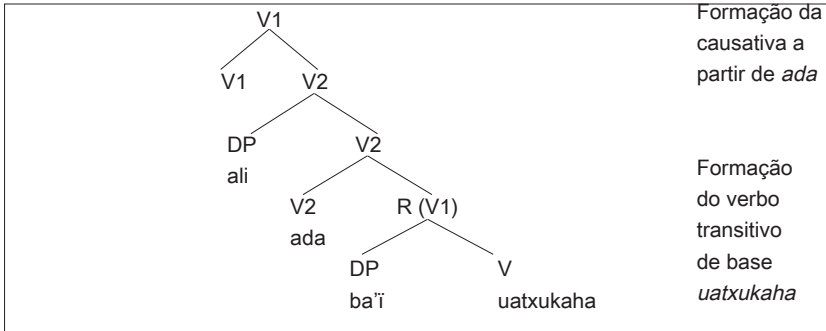
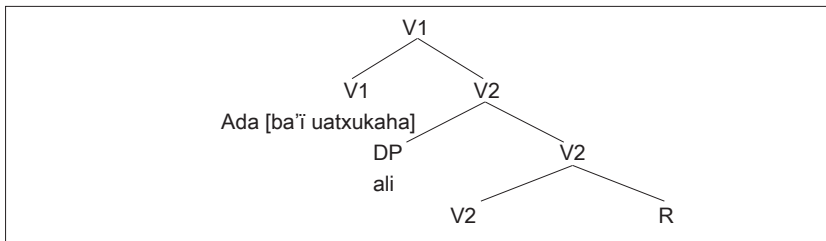


Figura 16b. *Conflation* do verbo *ada*



Como adiantamos anteriormente, sendo as estruturas de sentenças que realizam alternância simples idênticas às de alternância complexa, é possível dizer que a leitura de transitiva simples ou complexa dependerá não da estrutura (isto é, se V2 está encaixado em V1 nos dois tipos de alternância), mas do morfema que estiver na posição de V2: se tivermos a inserção do morfema *-l* e *a-* sabemos que é o caso de alternância simples. Contudo, se o morfema inserido for *~u-*, *ma-* ou *ada* então a leitura será de alternância complexa. Também é importante ressaltar que a causativização de verbos inergativos mostra um importante fato sobre a estrutura argumental dos verbos: muito embora a propriedade nominal de um verbo inergativo iniba este verbo de ser inserido em uma estrutura V2, o morfema causativo prefixado a ele exige um objeto. Dessa forma, este verbo é inserido em uma estrutura V2, para que as exigências do núcleo verbal sejam satisfeitas. Desta forma, a raiz não traz informação sobre o número de argumentos que ela requer. Quem o faz são os núcleos verbais. Sendo assim, é possível sintetizar:

Tabela 17. Morfemas de alternância: sumário

Morfemas	Exigência
<i>a-</i> , <i>ũ-</i> , <i>ma-</i> , <i>ada</i>	Exige dois argumentos, um deles projetado internamente, que será o objeto.
<i>l-</i>	Exige apenas um argumento que será projetado externamente.

Considerações finais

Neste artigo discutimos as propriedades associadas à formação dos verbos e suas respectivas restrições sintáticas e morfológicas. Apresentamos as estruturas argumentais de formação dos verbos da língua Yudja a partir da inserção dos verbalizadores e também dos processos de atribuição e mudança de valência verbal.

Podemos aqui sintetizar algumas questões fundamentais:

1. Qual a natureza das raízes formadoras dos verbos?

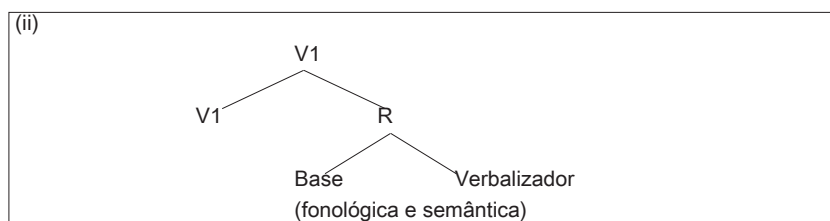
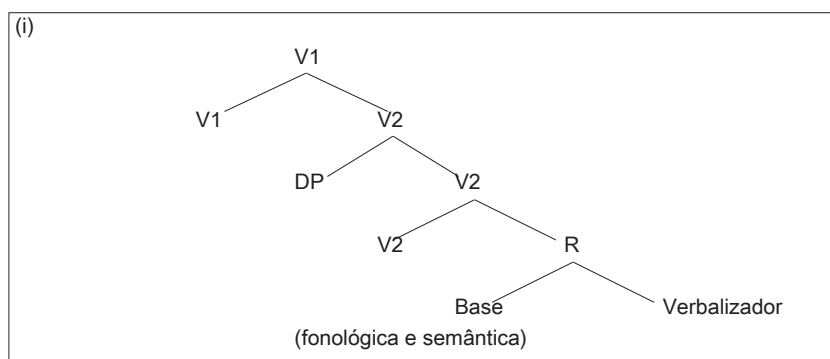
As raízes são compostas de duas partes: a parte lexical da raiz – que chamamos aqui de base semântico-fonológica - traz informações de caráter semântico (como tipo de evento denotado, por exemplo) e fonológico do verbo; a outra parte da raiz – que chamamos aqui de verbalizador – atribui a categoria verbo à parte lexical da raiz e, por conseguinte, atribui a esta raiz propriedades sintáticas. É para o resultado da combinatória destes duas partes que será, em um segundo momento, atribuída a valência dos verbos. A raiz, a partir de seus traços, restringirá os morfemas de valência associados a ela. Por exemplo, o morfema de transitividade simples (*a-*) é incompatível com verbos derivados de nomes em Yudja.

2. Qual a função dos verbalizadores que se unem à parte lexical das raízes?

Os verbalizadores têm apenas caráter funcional. Possibilitam que a raiz possa atribuir Caso e, ademais, explicitam a divisão de classes verbais na língua.

3. Como é o processo de formação estrutural dos verbos da língua Yudja?

Como vimos, inicialmente há a formação da raiz verbal e, em um segundo momento, de acordo com as propriedades da base semântico-fonológica associada ao verbalizador, há a atribuição de valência dos verbos, com os núcleos V1 (para verbos transitivos e inergativos) e V2 (para verbos inacusativos). Em síntese, teríamos:



4. Quais consequências a formação dos verbos acarretam para a sintaxe desta língua?

As restrições das raízes verbais implicarão nas relações de alternância da língua, tanto em relação à valência como em relação à mudança de voz e aos processos de pluracionalidade de eventos. Conhecer a estrutura argumental dos verbos, portanto, permite o conhecimento das estruturas sintáticas da língua.

No que compete a análise teórica dos processos de formação dos verbos, procuramos mostrar que estes itens não são componentes atômicos na sintaxe, mas que apresentam estrutura, assim como as sentenças e, por essa razão, os núcleos são complexos e são determi-

nantes para a derivação das estruturas sintáticas. Desta perspectiva, os fenômenos morfológicos, sintáticos e semânticos que ocorrem nos verbos decorrem das propriedades das raízes, as quais carregam os traços centrais que restringem as estruturas sintáticas de cada núcleo verbal.

Abreviações

T (transitivizador)
I (intransitivizador)
caus. (causativizador)
s (singular)
pl (plural)
dat (dativo)
rel. (relativizador).

Bibliografia

- ARAD, Maya. (1996). "A minimalist view of the syntax-lexical semantics interface." *UCL Working Papers in Linguistics 8*.
- BAKER, M. C. (1988). *Incorporation : a theory of grammatical function changing*. Chicago: The university of Chicago Press.
- BURZIO, L. (1986). "Intransitive verbs and auxiliaries", *in: Italian syntax*, Dordrecht: Reidel.
- FARGETTI, C. (1992). M. *Análise fonológica da língua Juruna*. Campinas: UNICAMP (dissertação de mestrado).
- _____. (2001). *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.
- HALE, K. and KEYSER, S. J. (1993). "On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations", *in: HALE, K. and KEYSER, J. (orgs.) The View From Building 20. Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press.
- _____. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: Mass: MIT Press, 2002.
- HARLEY, H. (1996). "Sase bizarre: the Japanese causative and structural case", *in: KOSKINEN, P. (ed.) Proceedings of the 1995 Canadian Linguistics Society meeting*, University of Toronto Working Papers in Linguistics.

- LEVIN, B. and RAPPAPORT-HOVAV, M. (1995). *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Massachusetts: The MIT Press.
- LIMA, S. O. (2008). *A estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja): da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas*. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo: USP.
- _____. (2008a). "Prefixos verbais e a concordância na língua Yudja." *Apresentação no XXIII Encontro Nacional da ANPOLL, Goiânia/ UFG*.
- PiN.ón, C. (2001). "A finer look at the causative-inchoative alternation", in: *Proceedings of semantics and linguistics theory 11*, Rachel Hastings, Brendan Jackson, and Zsofia Zvolenszky (eds.), Ithaca, N.Y.: CLC Publications.
- SMITH, Carlota. (1997). *The parameter of aspect*. 2ª ed. Dordrecht: Kluwer.
- STORTO, L. (1999). *Aspects of Karitiana grammar*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology.
- TENNY, C. (1994). *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Kluwer, Dordrecht.
- VENDLER, Z. (1967). "Verbs and Times." *Linguistics in philosophy*. New York: Cornell University Press.